

O CAMPO E A ARQUITETURA

Celma Paese



Com a disseminação da violência urbana, todas as garantias de segurança à preservação da vida não existem mais. O presente artigo coloca o Campo como um nó do moderno. Espaço onde o direito à vida pertence aos governantes, o Campo hoje se estabelece como paradigma espacial biopolítico do ocidente, lugar antes ocupado pela cidade.

O campo é o espaço que se abre quando o estado de exceção começa a tornar-se regra¹.

Na década de 30, enquanto assistia ao florescimento de movimentos culturais de vanguarda, como o Surrealismo na França, a Europa não tinha consciência do que estava por vir. Hitler destruiu países inteiros como a Polônia, sitiou e invadiu cidades como Paris e Amsterdã. Em nome da superioridade da raça ariana, dizimou milhares de pessoas de “origem impura”, como deficientes físicos e mentais, ciganos, gays e judeus, esse último extermínio o mais conhecido e divulgado.

Giorgio Agamben em seu livro Homo Sacer escreveu sobre o desenvolvimento da biopolítica moderna, nos mostrando como começou e até que ponto hoje chega a relação de manipulação do poder soberano com o vínculo oculto que mantém com a vida natural, não politizada. O Homo Sacer, aquele ser humano que pode ser morto impunemente por não ter gestão sobre o direito de preservação da própria vida, é a chave desse vínculo.

Agamben descreve como o Reich nacional – socialista inaugurou a era da biopolítica, integrando, com seu programa de purificação da superior raça ariana, a política com medicina através da gestão calculista da vida, descolando a política do humanitário. A decisão de tutela e preservação da vida tornou-se parte de um processo mais complexo e ambíguo do que o existente até então: Assumindo uma postura de preservação e cuidados com o “corpo biológico da nação”, Hitler e seus aliados distorceram para seus próprios fins os conceitos científicos relacionados à genética. A fim de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça colocaram, aos poucos, várias minorias que julgavam intragáveis em uma situação–limite em que a proteção jurídica não fez mais sentido e (onde) todos os direitos e expectativas desapareceram. Primeiro os destituíram de seus direitos civis e, sempre em busca da “solução final”, os confinaram em guetos para posteriormente enviá-los aos campos de concentração.

Agamben coloca o campo como um nómos do moderno. Seus habitantes são fadados a sobreviver em um espaço de exceção, sem ordenamento e de localização deslocante. No campo, toda a forma de vida e seus direitos podem ser capturados sem sobreaviso, impunemente. A fissura entre o humanitário e o político é aqui instaurada, promovendo o descolamento entre os direitos do homem e os direitos do cidadão.

A entrada no campo significa a definitiva exclusão da comunidade civil. Colocadas no mais absoluto espaço biopolítico, o direito à vida de seus habitantes não pertence mais a cada um, mas ao governante. A vida torna-se nua, sem qualquer mediação. Essa realidade é hoje encontrada no terceiro mundo, de maneira velada nas ruas de grandes cidades, periferias urbanas e favelas; ou em si, como em campos de refugiados e

países em guerra.

Portanto, estabelece - se como verdade a fragmentação dos seres humanos em duas partes, que Agambem assim classifica em seu estudo: a primeira, o Povo, cidadãos incluídos no sistema social, gozando de plenos direitos biopolíticos; a segunda, o povo, os carentes, ignorantes e excluídos, sem esperança de uma inclusão social plena, simples seres humanos. A interpretação desse significado do termo povo se deve a ao fato de que em todas as línguas européias modernas, esse termo pode ser usado como sinônimo de minoria, indicando os pobres, deserdados e excluídos. Miséria e exclusão são categorias eminentemente políticas, ou melhor, biopolíticas e espaciais². Sendo a arquitetura a arte da organização e criação de espaços, as questões que envolvem esse novo apartheid, com o qual convivemos em nosso tempo, também são de responsabilidade dos arquitetos.

O campo é um espaço onde o ordenamento sem localização passa a ser uma localização sem ordenamento. O sistema político não ordena mais as formas de vida e todas as normas podem ser virtualmente capturadas. Nesse momento o campo passa a existir como matriz oculta da biopolítica de hoje e se estabelece como paradigma espacial biopolítico do ocidente, lugar que antes era ocupado pela cidade. O processo de ordenamento da vida no estado-nação entra em um processo de deslocação e de deriva onde esse não mais funciona e devemos estar preparados para novas e delirantes definições de normas para a vida urbana. Por não haver possibilidade de retorno á política clássica, no campo, cidade e casa tornam – se indiscerníveis e a possibilidade de distinção entre corpo biológico e corpo político, entre o que é comunicável e mudo e o que é comunicável e dizível nos foi tolhido para sempre³.

Um exemplo, dos mais conhecidos, é o que acontece no Rio de Janeiro. A “Cidade Maravilhosa” só honra seu título se vista como no Samba do Avião. O poder paralelo dos traficantes e máfias urbanas dita suas próprias leis nas favelas e vizinhanças, como na Rocinha, circundada por bairros da cidade onde os incluídos habitam. Quando o exército dos traficantes desce o morro, gera uma ambiência de fazer inveja a muitas cidades sitiadas por guerrilheiros. Nem mesmo o centro histórico da cidade que outrora foi capital da República é poupado. Os tempos românticos da Bossa Nova e do poeta que cantava para a Garota de Ipanema foram substituídos por um tempo em que o Rio vive em estado de sítio permanente, fruto da exclusão social.⁴

A manipulação da incerteza é a essência e o desafio primário da luta pelo poder e influência dentro de qualquer estrutura.⁵ A favela é uma comunidade com sua organização própria, onde o poder paralelo tem uma situação opaca em relação ao poder oficial e suas variáveis de ação e comportamento são uma incógnita para esses. Portanto, não é possível imaginar uma figura estranha à “comunidade” entrar de favela ou circular

pela periferia sem correr o risco de perder a própria vida.

O modelo Panóptico do poder moderno, concebido por Foucault,⁶ apoiava – se em suposições semelhantes: Os supervisores ocultos na torre central do edifício em forma de estrela são invisíveis aos observados, porém esses são totalmente visíveis aos primeiros. Apesar do Panóptico ser um espaço artificial, a semelhança aqui é encontrada pela situação de controle que o poder paralelo tem do espaço da cidade, mapeado e legível, o que não acontece com o espaço da periferia, ilegível e imprevisível para o poder oficial por sua constante mutabilidade.⁷

Ao se depararem com as conseqüências de anos de exclusão e sofrimento impostos, o medo e a culpa tomam conta dos incluídos. Para se protegerem, passaram a habitar bunkers urbanos, utilizando recursos tecnológicos como aliados.

Roger Burrows em seu artigo *Virtual culture, urban social polarisation and social science fiction*, nos chama atenção para esse mundo dualista, formado por novos sincretismos culturais resultantes da exclusão social e do crescente empobrecimento da população mundial. Esse fenômeno vem aliado ao processo de rezoneamento das cidades. Curiosamente, o autor utiliza o termo “*Brazilianization*” para nomear os fenômenos sociais da polarização, que há tempos deixou de ser exclusividade do terceiro mundo.

8

Cidades globalizadas, como Los Angeles e São Paulo, são onde a nova e nomádica elite global emergente habita. Esses habitantes globais residem e trabalham nos grandes centros financeiros, administrativos e profissionais que garantem a circulação de dinheiro e a manutenção do espetáculo. Muitas vezes, nem mesmo sua nacionalidade é fixa. Paralelamente, acontece cada vez com maior intensidade o sucateamento industrial acompanhado do aumento do número de migrantes e imigrantes, em busca de melhores condições de vida em centros urbanos maiores.⁹ O inchamento das cidades e a falta de absorção desses trabalhadores pelo mercado fazem essas pessoas ficarem cada vez mais encurraladas no círculo vicioso do empobrecimento e da miséria. Não tendo para onde ir, ficam a mercê dos acontecimentos, prisioneiros do acaso. Sabemos que não precisamos ir muito longe para assistir a esse triste espetáculo: Olhando para baixo de marquises, dentro das estruturas dos viadutos e nos buracos urbanos das grandes cidades, há sempre alguma família ou grupos de pessoas morando clandestinamente, em condições tão precárias que se tornam inimagináveis.

Para aqueles que ainda acreditam na ilusão do desenvolvimento, cabe garantir uma segurança aparente para seus espaços públicos e privados, e também a seus bens de consumo, a fim de dar continuidade a sua vida espetacular.

A tecnologia do *apartheid* começa a ser utilizada como aliada no final dos anos 80, disfarçada de tecnologia de segurança. Herança da

Guerra Fria e do Fordismo, essa tecnologia que a princípio servia a agências de “inteligência”, como a CIA e a KGB, foi transplantada para nosso dia-a-dia. Prática que começou nas metrópoles do primeiro mundo a fim de evitar atos terroristas, ela disseminou-se com rapidez também para cidades como Rio, São Paulo, Cidade do México, Lagos e Buenos Aires, a fim de evitar a violência urbana conseqüente da exclusão social. Esse fenômeno acabou por culminar com a total falta de privacidade da mobilidade individual, atendendo aos interesses daqueles que detêm o poder territorial.

A função explícita dessa parafernália tecnológica é intimidar atos marginais que ameaçam a integridade dos transeuntes. O problema é que esses aparelhos não servem somente a esses interesses: o fomento do medo, através das rápidas mudanças tecnológicas e ofertas de aparelhos de segurança cada vez mais sofisticados, garante grandes lucros aos seus fabricantes e garantindo o controle de tudo e de todos. Além disso, o processo de polarização social, também é incentivado. Esse último é o objetivo, maior e velado, dos que utilizam essas tecnologias, assim fomentando o processo virulento de aumento da fratura biopolítica que divide as populações do terceiro mundo em incluídos e excluídos.¹⁰

Garantir essa segurança nos centros financeiros e comerciais das grandes cidades envolve cada vez mais processos de exclusão, compartimentação e fechamento. Nessas áreas nobres das cidades, a privatização cresce através de investimentos, onde os espaços antes eram públicos. O espaço é controlado, através das novas e velhas tecnologias. Calçadas são removidas, o tráfego de pedestres é deslocado. São determinados pontos de acesso seguros e controlados para a área poder ser rapidamente fechada, se necessário. Câmeras de vídeo são rotinas e todos os movimentos são monitorados. Burrows chama esse fenômeno de “*mall-ification*”: processo no qual as ruas e áreas públicas são cobertas e fechadas, para tornarem-se shoppings virtuais, onde o acesso é regulado e as ações espionadas pelos novos agentes de controle social.¹¹ Espaços públicos com acesso controlado, edifícios inteligentes, portas eletrônicas e guardas bem armados complementam a eficiência dessa arquitetura que serve ao *apartheid*. Esses lugares de onde a população menos favorecida é banida, também lhes são inviáveis economicamente. Infelizmente, essa tem sido a trajetória da arquitetura: servindo ao espetáculo, exclui uma multidão de pessoas dos serviços básicos da cidadania.

Mas não podemos nos esquecer de que essa tecnologia serve aos ideais biopolíticos de nossa sociedade, quando se torna claro que o princípio do campo aqui está sendo aplicado: A obsessão pelo desenvolvimento, coincide com o projeto biopolítico de produzir um povo sem fraturas.

Os campos de excluídos, que se formaram a partir do *apartheid*, são lugares onde a criminalidade e a violência, associadas ao tráfico de

drogas, acontecem como forma de governo e hierarquização espacial. Essas zonas sofrem eventuais intervenções do controle social oficial, tanto em nível físico quanto tecnológico, com o propósito de garantir a segurança das áreas onde habitam os demais.¹² Nesse círculo vicioso, a tentativa de inclusão é um jogo de vale-tudo: O contato é dado por tarefas eventuais, que forçam uma certa miscigenação, como trabalhos domésticos e temporários, ou mesmo a venda de drogas e muambas. Espetáculos “circenses”, venda de mercadorias e pedido de esmolas em sinaleiras, não podem ser esquecidos. Também não dá para evitar falar de pequenos assaltos, furtos, seqüestro-relâmpago e carros “emprestados”.

A indústria da reciclagem das sucatas geradas por nossa sociedade de plástico, que os catadores recolhem vagando pelas ruas, garante a sobrevivência e abrigo dessas pessoas. A valorização do lixo como meio de sustento já chamava atenção na Paris de Baudelaire. A partir do surgimento de novos processos industriais, o número de catadores de trapo foi aumentando. Benjamin cita os trapeiros como figuras fascinantes para os primeiros pesquisadores do pauperismo urbano. Garantindo já naquela época o sustento com a reciclagem, os observavam e se perguntavam até onde iria a miséria humana.¹³ Com certeza, não tinham idéia de quanto a vida se tornaria cinzenta nos tempos que se seguiriam.

Nesses tempos em que o Brasil Cinza se revela, usando uma expressão de Marcia Tiburi, os excluídos só conseguem a inclusão nos matizes cinza da fumaça dos veículos das metrópoles alucinadas, que convivem indiferentes com suas faces desesperançadas e abatidas. Neste Brasil cinza, a cor de nossas cidades não deve ser confundida com a do asfalto: esse cinza é a cor dos sonhos, que se esvaíram no fogo da esperança que não vingou. O que resta, é um futuro de concreto e túmulo e, aos melancólicos, vestirem – se de cinza para passarem despercebidos.¹⁴ Nossa identidade cultural arquitetônica - apesar de nós negarmos - também tem tudo a haver com a cor cinza. Fuão nos chama atenção que deveríamos saber ver identidade no provisório definitivo das paredes á espera do reboco que nunca virá, nas telhas de Brasilit e nas esquadrias de ferro baratas da arquitetura cinza das populações menos favorecidas.¹⁵

Maria Cristina Loschiavo, em um artigo sobre os desabrigados, chama atenção para a arquitetura de seus abrigos móveis. Essa arquitetura de papel e plástico configura uma cidade paralela e nômade, sobreposta à cidade estática, de vidro e concreto. As referências espaciais estáticas desses nômades urbanos são os galpões de reciclagem de lixo, onde garantem seu sustento com as sobras de nossa civilização de plástico, e os abrigos municipais. Andam de um lado para o outro da cidade, sempre carregando seus abrigos móveis nos carrinhos, catando sucatas. E assim, as ruas acabam se tornando lares, expondo constantemente essas pessoas a repressão e violência descabidas.¹⁶

Todos eles, meninos de rua, jovens e velhos sem-teto, ladrões,

espancados, pobres e tantos outros, representam uma ameaça aos cidadãos que gozam de cidadania plena. Marginalizados pelas condições de sobrevivência em que se encontram, graças ao apartheid tecnológico gerado pela conduta biopolítica de hoje, estas pessoas não vêem chance de mudar sua situação: vivem excluídos da esperança.. São negados a eles os meios mínimos para isso, como educação, habitação e saúde. Se os incluídos se sente ameaçado, com medo de assaltos e violência, a recíproca é verdadeira: Em nome da segurança, esses excluídos são condenados a andar em círculos nesse espaço de localização deslocante. O campo surge por entre os muros das cidadelas da tecnologia, e seus habitantes aguardam, a qualquer momento, a execução de uma espécie de pena de morte velada, sem ritual prévio.

As áreas residenciais focam-se cada vez mais na privatização espacial, diminuindo ou elitizando os espaços públicos. Na verdade, é uma maneira de se protegerem dos bolsões de miséria que literalmente os cercam. Condomínios dentro de muros, com seguranças, garantindo um acesso restrito, aparecem cada vez mais, lembrando as velhas cidades muradas da Idade Média, porem com uma diferença: os muros hoje cruzam a cidade ao invés de cercá-la.

Quando é necessário, o acesso físico dessa população das cidadelas aos parques temáticos espetaculares do reino do efêmero dos *shoppings* é feito por meio do automóvel. Cada vez mais essas pessoas procuram que seus bens de consumo venham a eles, garantindo sua chegada através do sistema de *delivery*, que assegura a concretização de quase tudo a sua frente em minutos e evita o confronto com o mundo exterior. Percorrer a cidade para eles é navegar pelo oceano do medo, que leva de um porto seguro a outro.

Em *Cidades Fantasmas*, Fuão chama atenção justamente para essa retenção e repressão espacial sobre os corpos incentivada pelo uso da tecnologia, que faz com que o confinamento em nossas casas se torne cada vez maior, consagrando um tempo em que TVs e computadores substituem janelas. Não é a toa que a proliferação da violência urbana interessa aos banqueiros e as grandes empresas da comunicação e informática. Quanto mais perigosas e feias as ruas se tornarem, mais estaremos confinados e pagando pelo uso da energia e por eletrodomésticos que possibilitam a comunicação virtual com nossos semelhantes. Hoje, os cabos e fios desempenham as mesmas funções das ruas, quando precisamos deles para acessar informações e nos encontrarmos.¹⁷

A comunicação entre as cidadelas através do universo paralelo do ciberespaço isola essas pessoas em suas ilhas de paz aparente e, cada vez mais, elas precisam de computadores para chegar a quem lhes interessa. As comunidades que se formam nessa dimensão criam novos espaços de troca de informações e idéias. Conseqüentemente, aparelhos e dispositivos

exercem o poder e o controle sobre esses dados e ao nível de acessibilidade e mobilidade dos freqüentadores. Esse é o papel dos bancos de dados: determinando o nível de mobilidade de cada um, garantem que nenhum intruso, sem a credibilidade adequada, invada um espaço que não lhe é de direito. Todos os instrumentos de controle do Estado, agora estão disseminados em pequenos fragmentos de controle na rede. Os próprios vigiados, os residentes locais do ciberespaço, são os voluntários que vigiam o acesso dos demais.

Assim surge outro mecanismo de poder: O Sinóptico proposto por Bauman¹⁸ Complementar do *Panóptico*, que tinha uma função local e de imobilização de seus súditos, o Sinóptico é, por natureza, global e faz com que todos vigiem a todos.

No ciberespaço, banco de dados é o instrumento utilizado para essa seleção, separação e exclusão e determina a mobilidade dos que utilizam a rede. A elogiadíssima interatividade acontece na verdade *one-way*: a rede é para os escolhidos, que tem permissão de interagirem com seus recursos.¹⁹ Já no mundo dos excluídos do ciberespaço, os papéis se invertem e os locais observam, pela TV e outros meios de comunicação de massa, a elite global movendo-se nesse espaço inacessível. Aqui, como nunca foi visto na história, muitos vigiam poucos. Os locais se desprendem, ao menos espiritualmente de suas localidades e, transportados ao ciberespaço, ligam-se à rede extraterritorial de comunicação para observar aos poucos globalizados que lhes interessam.

O *Panóptico* forçava as pessoas à posição de vigiados. Já no Sinóptico, as pessoas são seduzidas à vigilância. Os residentes do ciberespaço vigiam através dos critérios de acessibilidade e esses são vigiados pelos habitantes da terra através dos meios de comunicação de massa. Vistos como entidades que não são “desse mundo” de locais, são admirados e cobiçados, determinam gostos, usos e costumes - uma realza que guia, em vez de mandar: No exercício do poder, a vigilância substitui o espetáculo. Os ecos dos encontros dos segregados e separados na terra com essas entidades, através de transmissões de TVs que vem do céu, reverberam globalmente, abafando os sons locais que refletem nos muros desse mundo. Nesse momento, a solidez dos impenetráveis presídios da terra é revelada e reforçada.²⁰ O ciberespaço só reproduz, em outra dimensão a grande fissura social do ocidente.

A separação entre humanitário e político que hoje vivemos, retrata a fase extrema de descolamento entre os direitos do homem e do cidadão. Segundo Agambem, o projeto democrático-capitalista de eliminar os pobres através do desenvolvimento, só consegue reproduzir no interior de seu sistema os excluídos além de transformar em vida nua toda a população do Terceiro Mundo. Prenunciando uma era de grandes mudanças sociais, a fissura não passará impune. O humanitário separado do político reproduz o isolamento da vida sacra sobre o qual se baseia a soberania e, o campo,

passa a ser o paradigma biopolítico para o qual não se encontra solução tornando-se urgente o seu reconhecimento como uma realidade espacial. Espaço habitado por seres humanos, o campo coloca em cheque a relação entre os conceitos homem–cidadão, estado–nação e nascimento–nacionalidade, para que sejam urgentemente revistos. A guerra civil que divide povos e cidades da terra, só terá seu fim quando surgir uma política capaz de fazer as contas com essa cisão biopolítica fundamental do Ocidente.²¹

Nós arquitetos, profissionais capacitados em gerar soluções espaciais, devemos procurar nos conscientizar dessa realidade, fazendo nossa parte na busca de soluções viáveis para esse grande fantasma sócio-espacial do nosso tempo, o *campo*. Espaço que, cada dia, separa mais o humanitário do político nos coloca em xeque para assumir nosso papel na geração, promoção e preservação do espaço de viver assim, tornando a Arquitetura um agente de libertação do sofrimento de muitos.

NOTAS

¹AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer* — O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 175

² Op.cit., p. 181 e 186

³Op.cit., p.182, 183 e 193

⁴ (...) o sistema político não ordena mais formas de vida e normas jurídicas em um espaço determinado, mas contém em seu interior uma localização deslocante que o excede, na qual toda a forma de vida e toda a norma podem virtualmente ser capturados. (...)Op.cit., p. 182)

⁵ BAUMAN (1999) p.41

⁶“O Panoptico de Benthan (...) O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel, no centro uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel, a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas tem duas janelas, uma para o interior, correspondendo ás janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse as células de lado a lado. (...)” - FOUCAULT, 1977, p.17 á 180

⁷BAUMAN (1999) p. 41 e 42

⁸BURROWS, 1997, p. 38 a 45

⁹Op.cit., p.39

¹⁰Op.cit., p. 41

¹¹Op.cit., p.41

¹² Op.cit., p.42

¹³ BENJAMIN(1985)p.52

¹⁴ TIBURI (2005) p.46 e 48

¹⁵ FUÃO (2005) p.2

¹⁶LOSCHIAVO, Maria Cristina; *Greetings from London - Architecture, homelessness and the transformation of our societies. Human Layer London Project —Finland: Casagrande Laboratory - 2005*

¹⁷ FUÃO(2001)p.12 á 22

¹⁸BAUMAN, Zigmunt. *Globalização—as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999

¹⁹ BAUMAN (1999) p.59

²⁰ Op.Cit., p.58,59,60 e 61

²¹ AGAMBEN(2002)p.186

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer* O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Textos de Walter Benjamin-seleção, organização e tradução: Flavio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985*

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização—as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999

BURROWS, Roger (*Organização de Brian Loader*). *The Governance of Cyberspace-Virtual culture and social science fiction politics, technology and global restructuring. London: Routledge, 1997*

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade — A vontade de saber, 1977, Rio de Janeiro: Edições Graal 1977*

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir — História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977*

FUÃO, Fernando. *Cidades Fantasmas-Revista Arquitectos 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 200, p. 12 á 21*

FUÃO, Fernando. *Identidades. Revista Arquitectos n.6. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p.3*

LOSCHIAVO, Maria Cristina; *Greetings from London - Architecture, homelessness and the transformation of our societies. Human Layer London Project —Finland: Casagrande Laboratory - 2005*

MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo — vagabundagens pós — modernas*. Rio de Janeiro: Record, 1997

TIBURI, Márcia. *Brasil Cinza*. Revista Arquitectos 5, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p.42 á 48

Celma Paese

Arquiteta formada pela Universidade Ritter dos Reis em Porto Alegre-RS/ Brasil. Estudou Desenho no Westminster Institute,Londres e Pintura no instituto Lorenzo de Medici em Florença,Itália. Em 1990 concluiu curso de pós-graduação em Design na PUC-RS. Pós- graduada em Arteterapia pela FEEVALE em 2003. Mestranda no PROPAP.